

## Editorial

# O país dos vales e das bolsas

vida do presidente da República, "Lula, o Filho do Brasil", marcada para o dia 1º de janeiro. É muito coincidência, não é mesmo? O governo jura que uma coisa não tem nada a ver com a outra.

**A** Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado aprovou por 12 votos a 7 o projeto que cria o Vale Cultura, um benefício no valor de R\$ 50, semelhante

**Como tramita em caráter de urgência, o projeto deve ser aprovado até o final do ano**

ao Vale Refeição, mas para ser gasto com livros, ingressos de shows, cinema e teatro, por exemplo. A proposta é destinar esse benefício a trabalhadores que recebem até 5 salários mínimos.

A oposição (DEM e PSDB), que votou contra o projeto, argumenta que o vale será usado eleitoralmente pelo governo. Indícios para isso é o que não faltam.

Para começar, o projeto tramita no Congresso em caráter de urgência. Isso mesmo, é inacreditável, mas o governo considera o fato das pessoas terem acesso à cultura algo imprescindível e, o que é mais incrível, ele

só foi ver isso agora. E nos outros 6 anos de governo não era importante? É claro que o trabalhador brasileiro que ganha menos tem o direito de ir ao cinema, ver uma peça de teatro ou comprar um bom livro. Mas para isso o governo precisava criar um vale? Isso já é demais. Por que o governo federal não dá incentivos fiscais para que todos os projetos na área cultural se tornem acessíveis à população? Se um show, por exemplo, não custasse a fortuna que custa, as pessoas poderiam ter acesso sem precisar "mendigar" um vale.

Como tramita em caráter de urgência, o projeto deve ser aprovado até o final do ano, antes, portanto da estreia nacional do filme que conta a trajetória de

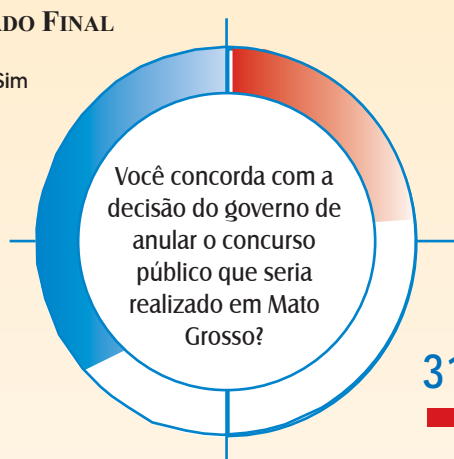
Estima-se que a iniciativa injetará R\$ 7,2 bilhões por ano no mercado cultural do país. Pelo projeto, as empresas poderão deduzir até 1% do Imposto de Renda se aderirem ao programa até o exercício de 2014, ano calendário de 2013. O Vale Cultura deverá ser concedido por meio de cartão magnético, intransferível e o trabalhador contribuirá com 10% do valor do benefício.

O resultado das urnas em 2010 vai dizer até que ponto os "vales" e as "bolsas" têm sua eficiência nesse país. Ao tomar esse tipo de atitude o governo subestima a inteligência do povo brasileiro, o que é lamentável.

## Enquete

### RESULTADO FINAL

Sim  
69%



Não  
31%



**SIM.** Foi muito falho, faltou infraestrutura e logística e Cuiabá não tem estrutura. Além dos fiscais sem treinamento adequado, afinal, foi um pouco de tudo.

ALEXANDRE DIAS, 35, CONSULTOR DE VENDAS



**NÃO.** Vai ter que devolver o dinheiro de muita gente que veio de fora, e as despesas como ficam, como eles irão fazer esses cálculos agora?

RAUL DA SILVA, 34, BIÓLOGO

**NÃO.** Ludibriaram muitas pessoas, tem gente que se passasse no concurso agora, ficou sabendo que a vaga seria apenas para daqui a 2 anos, assim é mesmo o maior concurso do país, não temos que concordar.

ÁLVARO WILLIAN, 21, VENDEDOR



## Os tempos indígenas são elaborados pelo próprio índio, sendo um tempo histórico, um tempo vivo

**M**ato Grosso é um estado privilegiado por apresentar uma imensa variedade de povos e culturas que fazem dessa região um manancial para pesquisas, estudos e referência em etnoconhecimentos.

Os povos indígenas colocam-se como exemplo dessa vastidão de saberes. Comunidades indígenas pertencentes a diferentes troncos linguísticos (Tupi-Guarani, Jê, Aruak, Tupi, Karib, Macro-Jê.) que vivem em diversas áreas do estado de Mato Grosso proporcionam uma peculiaridade impar de saberes e conhecimentos tradicionais. A história do contato dos indígenas com os não-índios constitui-se numa história de luta pela sobrevivência, e um exemplo de resistência ao avanço das frentes de expansão e ocupação capitalista imprimida pelos latifúndios com incentivos fiscais do governo brasileiro.

Mesmo em meio a tantas adversidades, as diferentes etnias preservaram as suas práticas socioculturais que fascinam pela complexidade e pela beleza, numa relação intrínseca com os seres vivos e elementares do meio ambiente.

Observando o cotidiano dessas comunidades, nos deparamos com um universo que impressiona, seja pela sua exuberância de formas e saberes, dentre os quais quero destacar nesta oportunidade os marcadores de tempo indígena, exemplo de uma relação recíproca entre as pessoas e dessas pessoas com o meio

ambiente. Os tempos indígenas são elaborados pelo próprio índio, sendo um tempo histórico, um tempo vivo. Apesar de descontínuo, esse tempo não é fragmentado uma vez que a vida é contínua na individualidade de ser índio em todas as fases da vida, desde o nascimento, os rituais de passagens, as aprendizagens, o envelhecimento e a morte. Contudo não é concebida na perspectiva individual, mas sim preponderantemente na coletividade.

Partindo dessa premissa, as comunidades indígenas construíram seus conhecimentos sobre o tempo sem separá-los da sociedade e da natureza, ou seja, sem desconsiderar as

## Marcadores de tempo indígena



ELIAS JANUÁRIO

informações contidas em suas crenças, as experiências dos ancestrais, sempre dentro de uma lógica que explique e simbolize a existência da vida.

Os marcadores de tempo indígenas foram apreendidos e codificados enquanto padrões temporais, por conta da circularidade de acontecimentos. Entretanto, ao registrar ou criar símbolos para os períodos dos tempos os povos indígenas não perdem a perspectiva do tempo cultural, interior, pois somente há sentido em observar o tempo se esse for o tempo das coisas, dos bichos, o tempo da natureza, o tempo das pessoas. Sem esses elementos o tempo não tem razão de existir.

O ciclo anual do povo Mehinako (Alto Xingu) é um exemplo de calendário tradicional composto por treze períodos, que se interpolam entre duas fases não contínuas, que são as épocas das chuvas e a época das secas, cujo início e duração não são preestabelecidos de acordo com o calendário ocidental, mas sim determinados pelos marcadores naturais.

O passado e o futuro podem ser contemplados, concomitantemente, com o presente e influenciá-lo. O aspecto do tempo assume papel secundário, pois simultaneamente há múltiplos tempos com intervalos, dimensões, velocidades, inícios e finalizações diferentes.

O tempo de chorar pelos mortos na etnia Tapirapé, por exemplo, tem sua duração de acordo com a importância que o morto tem para a comunidade. O chefe do ritual deverá definir quando chega o dia de parar de chorar. Encerra a tristeza e volta a alegria na comunidade.

É fundamental levar em consideração o modo como os indígenas consideram os elementos da natureza como marcadores de tempo. Há os elementos de sua cosmologia que estão contidas nos rituais, nas histórias de guerreiros, no sol, na lua e nas estrelas.

Para as comunidades indígenas, cada marcador de tempo tem sua origem e sua lógica baseadas nas crenças e nas cosmologias, as quais durante toda a vida sistematicamente explicam e respondem às perguntas e aos problemas de ordem científica, filosófica, epistemológica, didática, cognitiva, ética, política e cultural, surgidas do relacionamento entre os povos e dos povos com a natureza.

ELIAS JANUÁRIO É DOUTOR EM EDUCAÇÃO, PROFESSOR DE ANTROPOLOGIA DA UNEMAT E ESCREVE ÀS SEXTAS-FEIRAS EM A GAZETA. E-MAIL: ELIASJANUARIO@TERRA.COM.BR

## Do Leitor

### Ora pro nobis

**D**esta vez não era um pão amanhecido repartido em migalhas. Desta vez não era um circo armado em lona azul anil. Desta vez o Brasil foi mais do que o Distrito Federal em ilha pilhada pela corrupção institucional. Desta vez mais do que uma quadrilha especializada em propinas de valores variados em real. Desta vez nem tão nobres e nem tão caridosos com os famintos de democracia. Desta vez o povo igualmente lesado em representação política cada vez mais vazia. Desta vez um vasilhame transbordante em lamaçal. Desta vez um cargo deveras importante diante da ignorada Constituição Federal. Desta vez notas em espécie nas meias esticadas até a canela. Desta vez a mesma cena reprisada de uma mesma novela. Desta vez diversos figurantes do primeiro ao último escalão.

Desta vez mais de um protagonista num mesmo 'mensalão' flagrado em honorários de origem duvidosa. Desta vez mais do que a briga do cravo com a rosa. Desta vez mais espinhos do que qualquer cactácea da caatinga de um mesmo sertão sem veredas verdejantes. Desta vez mais de um crime registrado em flagrante delito. Desta vez mais de uma oração pela graça do dinheiro 'bendito'. Desta vez hábitos que fazem o colarinho branco encardido por falcatruas. Desta vez verdades cruas e nuas. Desta vez panetones que nunca foram fermentados. Desta vez homens públicos que nunca foram devidamente investigados.

Desta vez mais de um camelo passando numa agulha pontiaguda. Desta

vez uma folha salarial polpuda acrescida de juros e correção monetária. Desta vez uma notícia em nada imaginária caracterizada pela fome de poder comprar e vender votos não facultativos ao bolso do contribuinte. Desta vez nada de indigente ou pedinte atendido em gabinetes refrigerados. Desta vez homens ditos de Estado. Estado de calamidade pública comprovada em mais de um temporal com ventos e tufoes imprevisíveis pela meteorologia. Desta vez um democrata brincando de esconde-esconde e cobra-gega. Desta vez mais de uma excelência sem contra-regra.

Desta vez comigo-ninguém-pode, guiné e arruda para espantar o olho grande. Desta vez um corsário atracado à beira de um lago artificial. Desta vez um time timoneiro com mais de uma perna de pau. Desta vez mais do que um simples papagaio de pleito em pleito eleitoral. Desta vez a Capital Federal de uma pátria expropriada. Desta vez outra pizza de atum requentada em micro-ondas. Desta vez mais do que uma quadrilha soltando rojões, busca-pés e bombas. Bombinhas que causam estrondos passageiros. Buscapés sem paradeiros. Rojões que queimam brasileiros e brasileiros. Moral da história: alicerces em ruínas por fatos corriqueiros. Ora pro nobis em ladainhas adivindas de diversos picaretas em picadeiros.

AIRTON REIS É POETA EM CUIABÁ-MT. E-MAIL: AIRTONREISJR@GMAIL.COM

## Ponto

Cadeia da construção civil deverá ter crescimento real de 8,8% em 2010, conforme cálculos realizados pela FGV a pedido do Sinduscon de São Paulo.

## Contraponto

Presidente do BNDES, Luciano Coutinho, disse que o governo não estuda prorrogar a redução dos juros nas operações de crédito do Finame, hoje em 4,5% ao ano.

## Rumo a um mundo chato

**N**a década de 1990 os Titãs lançaram uma música intitulada 'Caras como eu'. Uma das estrofes da canção diz mais ou menos assim: 'caras como eu estão ficando chatos / como solas de sapato / que se gastam com o passar do tempo'. Santa profecia! Como nossa geração tem ficado chata! Estamos vivendo uma onda desenfreada do politicamente correto. Graças a Deus, algumas pessoas já não estão aguentando mais e 'botando a boca no trombone'.

Outro dia o Faustão se indignou com um grupo que enviou um comunicado de repúdio com relação a uma brincadeira que ele fez. Semana passada foi com o Jô. Outro grupo se revoltou por causa de uma fala dele. No dia seguinte, o Jô levou um livro para mostrar que a fala era deles mesmo, não invenção, nem chacota. Houve o pedido da fita do programa e o Jô, pela primeira vez, segundo ele, negou a fita! É preciso enfrentar a onda!

Esta semana sobrou até para o Robin Williams. Está faltando senso de humor. Eu ainda não entendi o que significa liberdade de expressão. Parece-me algo como: você deve aceitar o que eu falo, mas eu não preciso aceitar a sua opinião. Segundo julgamento de nós, brasileiros, Robin contou uma 'piada de mau gosto'. Na verdade, ele foi muito sagaz. Disse mais ou menos assim: 'Chicago levou Oprah Winfrey [apresentadora] e Michelle Obama para o dia da escolha da sede olímpica. O Brasil levou 50 strippers e meio quilo de pó. E isso não é justo!'. É bom que se diga que o ator falou o que falou em tom de riso, como piada mesmo.

Na verdade, o humor fala do comportamento humano. Brinca com coisas que estão na 'cara', mas que muitos tentam velar. Qual é a imagem que o Brasil passa lá fora? Como é o nosso carnaval? Como lidamos com a droga? Os mortos no Rio de Janeiro são comandados por quem? A própria novela América mostrou as brasileiras arrumando emprego de strippers nos Estados Unidos! Os fios da peneira não são suficientes para reter a luz do sol!



CLAUDINET ANTÔNIO COLTRI JÚNIOR

Mas, pior, é a discriminação. Se contarmos piada sobre strippers, aqui, o politicamente correto entrará em ação para nos calar. Mas quando o outro fala que temos strippers, ele tenta calar o outro, como se stripper fosse pecado. Fica difícil de entender. E aí, é demérito ou não é? Não é escolha própria ser stripper? O Brasil tem, é um

grande produtor e ponto! Não há droga no Brasil? O Rio não é a capital da droga? O Brasil tem e é um grande distribuidor. Ponto! Qual o

motivo de tanta indignação? O que não estamos levando em consideração é que a piada é 'pior' para com os membros do COI. Nas entrelinhas, Robin Williams disse que eles se venderam por strippers e por meio quilo de pó! Se não fosse isso, se venderiam por Oprah Winfrey e Michelle Obama. Ele estava tratando de moedas. Disse que o Brasil é mais alegre, nossa moeda sensibiliza mais, só isso! E os membros do COI gostaram! Apenas uma brincadeira.

O fato é que gostamos de brincar com o alheio, mas não gostamos que brinquem com aquilo que acreditamos. A propaganda das Havaianas que mostrava dois brasileiros 'descendo a lenha' no Brasil, na praia, mas que, quando um argentino entrou na conversa concordando com eles, fez com que comessem a defender o Brasil, mostra bem o que estou tentando dizer. É preciso parar com a hipocrisia. O dia em que pararmos de caçar dos argentinos, dos portugueses, dos outros clubes de futebol que não o nosso, de viar seleções estrangeiras como vimos no pan (deselegância completa), aí, quem sabe, poderemos falar alguma coisa. Mas, mesmo assim, nunca poderemos acabar com a piada, com o riso, com o humor. Afinal, como diz Negra Li em Mundo jovem: Todos têm dentro de si um pouco de herói, um pouco de covarde! O humor mostra esses dois lados, mas o lado de covarde dói, é a nossa ferida que não pode ser tocada, queremos abafar. Mas, a pergunta que fica é: até quando?

CLAUDINET ANTÔNIO COLTRI JÚNIOR É PALESTRANTE; CONSULTOR ORGANIZACIONAL; COORDENADOR DA ÁREA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO UNIVAG E ESCREVE EM A GAZETA ÀS QUINTAS-FEIRAS. WEB-SITE: WWW.COLTRI.COM.BR E-MAIL: JUNIOR@COLTRI.COM.BR TWITTER: HTTP://TWITTER.COM/COLTRI

# A GAZETA

www.gazetadigital.com.br

Propriedade da Gráfica e Editora Centro-Oeste Ltda. Rua Professora Tereza Lobo, 30 - Bairro Consil - Cuiabá-MT CEP 78.048-700 - Fone: (0xx65) 3612-6000 - Redação - fax: (0xx65) 3612-6330

DEPARTAMENTO COMERCIAL Rua Professora Tereza Lobo, 30 - Bairro Consil - Cuiabá-MT CEP 78.048-700 - Fone: (0xx65) 3612-6199 - Fax: (0xx65) 3612-6306 com.jornal@gazetadigital.com.br mid.jornal@gazetadigital.com.br

Assinatura - 3612-6110 assinantes@gazetadigital.com.br Serv. atendimento ao assinante saq@gazetadigital.com.br - 3612-6166

Classificados - 3612-6167 classificados@gazetadigital.com.br REPRESENTAÇÃO COMERCIAL FTPI - Matriz: Alameda dos Maracatinhos, nº 508 - 9 andar - Moema - São Paulo - Capital - CEP: 04089-001 Fone/Fax - (0xx11) 2178-8700 www.ftpi.com.br

### ADMINISTRAÇÃO

DIRETOR SUPERINTENDENTE João Dorileo Leal dorileo@gazetadigital.com.br

DIRETOR ADMINISTRATIVO Adair Nogarol adair@gazetadigital.com.br

DIRETORIA COMERCIAL José Carlos Teixeira de Carvalho carvalho@gazetadigital.com.br Carlos Eduardo Dorileo Carvalho carkedorleo@gazetadigital.com.br

### REDAÇÃO Fone (065) 3612-6000

DIRETORA DE REDAÇÃO Margareth Botelho (0xx65) 3612.6309 margareth@gazetadigital.com.br

EDITORA EXECUTIVA Janá Pinheiro (0xx65) 3612.6327 jana@gazetadigital.com.br

EDITOR DE ARTE Cláudio Castro - (0xx65) 3612.6315 claudio@gazetadigital.com.br

EDITOR DE POLÍTICA Jorge Estevão (0xx65) 3612-6318 politica@gazetadigital.com.br

EDITORA DE ECONOMIA Glenda Cury (0xx65) 3612-6319 economia@gazetadigital.com.br

EDITORA DE GERAL Andréia Fontes (0xx65) 3612-6321 cidade@gazetadigital.com.br

EDITOR DE ESPORTE Oliveira Junior (0xx65) 3612-6322 esportes@gazetadigital.com.br

EDITORA DO VIDA E ZINE Liana D' Menezes (0xx65) 3612-6324 vida@gazetadigital.com.br

EDITOR DE SEGUNDA-FEIRA Waldemir Felix (0xx65) 3612-6317 waldemir@gazetadigital.com.br

EDITOR DE SUPLEMENTOS Rita Comini (0xx65) 3612-6323 suplementos@gazetadigital.com.br

GAZETA DIGITAL internet@gazetadigital.com.br (0xx65) 3612-6320

ARTICULISTAS Alexandre Garcia, Carlos Monforte, Mônica Waldvogel, Carlos Chagas, Lourenbergue Alves e Alfredo Menezes

COLONISTAS Fernando Baracat e Ungareth Paz

Cartas para as seções de Opinião e Do Leitor: Rua Professora Tereza Lobo, 30 - Bairro Consil - Cuiabá-MT - CEP 78.048-700 - Fax: (0xx65) 3612-6330 red.jornal@gazetadigital.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS Estado, Folha, Associated Press, Carta Z, Agência Brasil e Alô Comunicação.

Os artigos de opinião assinados por colaboradores e/ou articulistas são de responsabilidade exclusiva de seus autores

